

Universidade Federal de Minas Gerais
Erickson Renan Pedroso

Corpo-Morada: uma experiência de improvisação com não atores em uma moradia
universitária

Belo Horizonte
2023

Erickson Renan Pedroso

Corpo-Morada: uma experiência de improvisação com não atores em uma moradia universitária

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Cênicas da Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Prof.a. Dra. Mariana de Lima e Muniz

Belo Horizonte

2023

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO / Habilitação Licenciatura

FOLHA DE APROVAÇÃO

Às 09:00h do dia 12/12/2023, reuniu-se virtualmente pela plataforma Zoom: <https://us06web.zoom.us/j/89533625665?pwd=fv0L81ISfbJbIXe9ogKtTA9cwdMgLu.1> a Banca Examinadora, constituída pelos professores: Mariana Lima e Muniz, Samara Vilaça Xavier e Marcelo Rocco, para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do discente Erickson Renan Pedroso, intitulado “Corpo-Morada: uma experiência de improvisação com não atores em uma moradia universitária”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Teatro. A sessão foi aberta apresentando os procedimentos da defesa, a banca e o candidato. O candidato teve quinze minutos para a apresentação de seu trabalho e os examinadores tiveram, cada um, quinze minutos para proceder a arguição/explanação, tendo também o discente, quinze minutos para as respostas. Em seguida, a banca reuniu-se para deliberação fazendo a seguinte consideração:

O candidato foi considerado **aprovado**.

Documento assinado digitalmente
 **MARIANA DE LIMA E MUNIZ**
Data: 12/12/2023 15:26:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **SAMARA VILAÇA XAVIER** – Orientadora
Data: 12/12/2023 16:42:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Samara Vilaça Xavier – Membro

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO EDUARDO ROCCO DE GASPERI**
Data: 12/12/2023 17:09:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Marcelo Rocco – Membro

Belo Horizonte, 12 de dezembro de
2023.

Dedico essa monografia à Marta Pedroso (*in memorian*) e a Joaquim Pedroso (*in memorian*), meus amados avós que não tiveram a oportunidade de estudar, mas sempre me incentivaram nos estudos “para ter uma vida melhor”. Sempre estarão presentes em meu corpo e pensamentos. Saudades eternas.

Dedico também esse trabalho, e todos os outros que vier a fazer, à minha mãe, Adriane Fatima Batista, minha maior incentivadora e fonte de amor incondicional.

Agradecimentos

À Fundação Mendes Pimentel (FUMP) por todo apoio concedido à estudantes de baixa renda, como eu, sem o qual não teria sido possível realizar essa graduação.

À administração da Moradia Universitária Ouro Preto, especialmente à Edilamurce Costa e Ricardo Domingos.

À Mariana Muniz, minha orientadora nessa monografia e professora responsável por me apresentar à Impro, que me trouxe um mar de amizades, risadas, aprendizados e espontaneidade.

À Universidade Federal de Minas Gerais, especialmente aos colegas da graduação em Teatro da Escola de Belas Artes/UFMG.

À Marissoni Hilgemberg, Francielli Luneli e Carol Figner, professoras fundamentais na minha trajetória nos estudos, ao me mostrarem como a educação e o afeto podem ser transformadores na vida de um aluno.

À equipe pedagógica e a todos os alunos da Escola Estadual Pedro II, onde pude aprender a ser professor e praticar muito do que é escrito nessa monografia.

À Ana Paula da Silva Pena, professora de Teatro e mestre em Estudos do Lazer, que me ajudou a chegar até a graduação da UFMG.

A Fernando Ferreira, meu amigo que conheci através do curso, que me auxiliou durante todos os anos de graduação.

A Air, Higor, Magno, Matheus, Cassio, Franklin, Wictor e Wilson, meus colegas de apartamento na Moradia Universitária da UFMG e companheiros durante quase quatro anos de convivência.

À Renata Lanier e Manoel Soares, pela colaboração na criação da oficina Corpo-Morada, e a todos os participantes da oficina, que disseram sim e tornaram essa monografia possível.

Aos colegas de trabalho na Passeli Boulangerie, pelo incentivo e apoio durante a escrita dessa monografia, e pela oportunidade para que eu testasse na prática e no cotidiano, as treze máximas da improvisação para a colaboração contidas nesse trabalho.

Epígrafe

Enquanto inicio a escrita dessa monografia para concluir minha graduação de licenciatura em Teatro, é inevitável pensar nos primórdios da minha trajetória artística, e em todo o caminho que percorri nesses meus quase trinta anos até chegar aqui, onde tentarei humildemente compartilhar com vocês um pouco do que aprendi com tantos professores, mestres, artistas e amigos ao longo de minha trajetória acadêmica.

Meus primeiros impulsos criativos começaram, naturalmente, na infância, e com o passar dos anos fui levando cada vez mais a sério aquilo que até então era apenas uma brincadeira, fonte de alegria e prazer. Na adolescência já me considerava um *popstar*, eu havia treinado para aquilo durante toda a minha vida, e em meu quarto, de frente ao espelho, cuidando para não ser visto por absolutamente ninguém, fazia meus shows de mais de uma hora, com atuações dramáticas e coreografias mirabolantes.

A adolescência foi passando e dando vez à vida adulta, e com ela, as responsabilidades foram surgindo. Empregos apareceram, contas a pagar, cobrança *d'o que eu gostaria de ser na vida*, e muitas outras obrigações estavam surgindo de maneira crescente, contínua. A maneira como respondi à essas mudanças foi deixando as brincadeiras de lado. Já não havia espaço para o lúdico na minha rotina adulta ultra compromissada, e tanto a minha criança quanto minha versão adolescente *popstar* foi ficando no passado. Ironicamente, eu estava em busca de uma carreira artística profissional.

Sou persistente, e não desisti do meu sonho, apenas mudei a abordagem: o que era espontâneo, se tornou objeto de busca séria, adulta, responsável. Entrei na graduação em Artes Cênicas, vivi processos incríveis na antiga Faculdade de Artes do Paraná (FAP), hoje nomeada de Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Mas algo parecia não estar exatamente no lugar. Enquanto estava nas aulas, eu me permitia toda forma de experimentação artística que meus professores e colegas propunham, mas fora da FAP eu entrava no *modus operandi* adulto sério, onde sempre haviam obrigações domésticas, financeiras, familiares etc, para depois voltar atenção para o que a pulsão artística pedia.

Nessa época, enquanto estudava Artes Cênicas na FAP, eu morava com Aleff, um grande amigo de décadas e também artista. Aleff é artista o dia inteiro, e isso me

gerava certo incômodo, na época. Enquanto eu preocupava em estabelecer cronogramas de limpeza, organizar as contas do apartamento, cuidar da rotina da república em que morávamos, e garantir que tudo saísse do jeito certo – e por jeito certo, diga-se do meu jeito, Aleff criava roupas, decorações, eventos lúdicos e temáticos, sempre com muita arte e muita vida em tudo que ele fazia, e ainda faz. Por que aquilo me incomodava tanto, sendo eu também um artista? Hoje a resposta é nítida, mas na época eu precisei sair do apartamento e me distanciar dele para entender.

Acabei chegando no curso de Teatro da UFMG no segundo semestre de 2018, e, apesar de saber que algo precisava mudar, não sabia exatamente o quê. Por não saber, seguia preocupado em cumprir com os protocolos, acreditando que assim aconteceria minha formação artística e acadêmica. Até conhecer em 2019, através de Mariana Muniz, a Impro.

No primeiro semestre de 2019, eu tinha no mínimo três disciplinas de improvisação, incluindo esta com a Mariana, e recordo nitidamente de falar nas primeiras aulas “eu não sei improvisar”, “eu não gosto de improvisação”. A resposta inicial era de rejeição, dizia que não era meu objetivo, e que a Impro não me era interessante. No entanto, houve uma ótima sintonia entre a professora e eu, e enquanto estudante de Teatro, fui entrando em contato com a Impro, participando ativamente das aulas, e aos poucos passei a **dizer sim**, e conforme o fiz, aprendi que improvisação é mais uma característica humana, que todos estamos improvisando diariamente em nosso cotidiano, como afirma Patricia Ryan Madon (2005), autora do livro *Improv Wisdom: Don't Prepare, Just Show Up*.

Já no início de seu livro, ela afirma que “a vida é uma improvisação¹”, pois ao menos que se trate de um *script* decorado, todas as nossas interações, conversas e demais ações espontâneas, são improvisadas, falaremos sobre essa obra e sua relação com essa pesquisa mais adiante.

Aleff me incomodava porque ele é um improvisador nato. Ele envolve suas amigadas em coletivos artísticos efêmeros e cria com elas um universo novo, com o que se tem disponível na hora e com o que suas amigadas lhe oferece de recurso. Eu considerava isso *coisa de criança*, e eu, adulto que era, reprovava fortemente o estilo Aleff de improvisar arte e vida, afinal, eu pensava que somente com rígido planejamento e disciplina, é que se conquistam objetivos. Enquanto eu me zangava,

Aleff e suas amigas se divertiam muito, e criavam um mundo de figurinos, festas e celebrações artisticamente ricas. Eu queria ser um planejador nato, trabalhava duramente para ser, mas Aleff me mostrava diariamente que eu não era e não sabia ser.

A capacidade de Aleff em transformar o ambiente em torno dele mesmo, de criar vida a partir de qualquer coisa (miçangas, pedaços de tecido, flores, folhagens, ou até mesmo, apenas a disponibilidade de estar presente com ele para criar) é impressionante, e é uma característica intrínseca dele desde a infância e que ele sempre nutriu, mesmo na adolescência e na vida adulta. Aleff é um improvisador.

Por sorte, ele me inspirou ao invés de se deixar censurar por mim. Eu estava apenas reproduzindo um comportamento coercitivo, que foi o que me foi dado durante minha formação: fique em silêncio, respeite as autoridades sem questioná-las, trabalhe duro, não faça bagunça, não faça barulho etc., muito parecido com o que Jhonstone (1990) – de quem falaremos melhor adiante – cita sobre a educação que destrói a criatividade. Aleff faz barulho, questiona autoridades, trabalha no seu próprio ritmo e limite e não tem medo de bagunça, e sendo assim, ele cria arte e vida.

Que não nos percamos jamais da nossa criança interior.

“Há um menino, há um moleque Morando sempre no meu coração Toda vez que o adulto balança Ele vem pra me dar a mão Há um passado no meu presente Um Sol bem quente lá no meu quintal Toda vez que a bruxa me assombra O menino me dá a mão E me fala de coisas bonitas Que eu acredito que não deixarão de existir Amizade, palavra, respeito Caráter, bondade, alegria e amor Pois não posso, não devo, não quero Viver como toda essa gente insiste em viver E não posso aceitar sossegado Qualquer sacanagem ser coisa normal.”

Milton Nascimento

Resumo

Este estudo consiste em uma revisão bibliográfica que aborda os princípios da improvisação teatral propostos por Keith Johnstone, juntamente às análises de Patricia Ryan Madson. O objetivo é analisar uma oficina de teatro conduzida em um ambiente não-formal de educação, mais especificamente na Moradia Universitária Ouro Preto, da Universidade Federal de Minas Gerais. Nessa oficina, jogos de improvisação foram empregados como metodologia de ensino, direcionados a não atores, visando a criação e contação de narrativas autobiográficas. Como resultado, essa metodologia se tornou eficaz, ao promover com êxito a elaboração e narração das histórias, bem como a criação de um ambiente temporário de bem-estar e colaboração.

Palavras-chave: Improvisação teatral; Impro; espontaneidade, criatividade, narrativas autobiográficas.

Abstract

This study consists of a literature review that addresses the principles of theatrical improvisation proposed by Keith Johnstone, along with the analyses of Patricia Ryan Madson. The objective is to analyze a theater workshop conducted in a non-formal education setting, specifically at the Moradia Universitária Ouro Preto of the Federal University of Minas Gerais. In this workshop, improvisation games were employed as a teaching methodology, targeting non-actors with the aim of creating and narrating autobiographical narratives. As a result, this methodology proved effective in successfully promoting the development and narration of stories, as well as creating a temporary environment of well-being and collaboration.

Keywords: theatrical improvisation, Impro, spontaneity; creativity; autobiographical narratives.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 Capítulo 1: CONHECENDO A IMPRO.....	11
2.1 O Sistema Impro	12
2.2 Patrícia Ryan Madson e o livro Improv Wisdom: Don't Prepare, Just Show Up	14
2.3 Treze máximas para a Sabedoria da Improvisação, segundo Patricia R. Madson	14
2.3.1 Primeira máxima: Diga sim.	14
2.3.2 Segunda máxima: Não esteja preparado.	15
2.3.3 Terceira máxima: Apenas apareça.....	16
2.3.4 Quarta máxima: Comece de qualquer lugar.	16
2.3.5 Quinta máxima: Seja mediano.	17
2.3.6 Sexta máxima: Preste atenção.	17
2.3.7 Sétima máxima: Encare os fatos.	18
2.3.8 Oitava máxima: Seja contínuo.	19
2.3.9 Nona máxima: Desperte para os presentes.	20
2.3.10 Décima máxima: Por favor, erre!	21
2.3.11 Décima primeira máxima: Aja agora!	21
2.3.12 Décima segunda máxima: Cuide dos seus colegas.	23
2.3.13 Décima terceira máxima: Aproveite a viagem!!!.....	24
2.3.13 Considerações finais	25
3 Capítulo 2: “Corpo Morada”	26
3.1 Desenvolvendo uma oficina de ensino não formal em teatro	26
3.2 “Corpo-Morada”: Laboratório de teatro para não atores.	28
3.3 O público alvo: A Moradia Universitária da UFMG	29
4 Capítulo 3: “Corpo-Morada”: Improvisando narrativas autobiográficas.....	41
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Escrevo esta monografia para todas as pessoas que, como eu, gostariam de viver mais criativamente. Que queiram contar suas histórias, criar o que quer que seja, como for possível, com espontaneidade e com liberdade. Que queiram inventar um mundo novo. A rotina já é rígida demais, as obrigações da vida adulta vão continuar existindo e se renovando dia após dia, mas a boa notícia é que está em nossas mãos decidirmos como iremos agir diante disso.

Este trabalho se inicia apresentando a base teórica na qual estruturei uma oficina de teatro voltada para contação de histórias autobiográficas. Essa oficina utilizou a improvisação como metodologia de desenvolvimento e de encenação, para que essas histórias fossem compartilhadas com os demais participantes. Embora não se possa nomear uma única fonte para o trabalho realizado com a improvisação, focaremos nos conceitos de improvisação de Keith Jhonstone (1990), através da professora Patricia R. Madson (2005), com seu livro *Improv Wisdom*, onde ela ensina como aplicar a Impro na vida, de maneira ampla.

Após a apresentação da base teórica e os autores que embasam esta monografia e a oficina desenvolvida, seguiremos para o relato da experiência realizada, como parte da proposta metodológica. A experiência de oficina foi realizada em uma moradia universitária destinada a pessoas que são de fora de Belo Horizonte e da região metropolitana e que são beneficiárias do programa de moradia universitária da UFMG, destinada a estudantes de baixa renda em sua primeira graduação.

Por fim, refletiremos como as teorias propostas por Jhonstone, através de Madson e outros comentadores, possibilitaram o exercício da expressão cênica, por meio da contação de histórias autobiográficas, e se mostraram eficazes e produtivas para alcançar os objetivos propostos pela oficina.

Compartilho meus aprendizados com as pessoas interessadas no fazer artístico, independente de considerarem-se artistas ou não, e se ao menos uma pessoa se sentir inspirada a mover-se em direção aos seus sonhos, se permitindo ser criança e criar, sem censuras ou receios, terei alcançado meu objetivo.

CAP 1) CONHECENDO A IMPRO

Na graduação em Teatro, o curso é iniciado com um ciclo básico comum a licenciandos e bacharelados¹, que é composto por algumas disciplinas obrigatórias, entre elas, a Oficina de Improvisação II, meu ponto de partida na Impro como a conheço hoje.

Cheguei na primeira aula de improvisação com medo. Havia tido experiências mutiladoras quando tentei experimentar a improvisação, e só me matriculei nessa disciplina porque era obrigatória, caso contrário eu teria fugido e jamais teria vivido o que a Impro me proporcionou, tampouco estaria escrevendo essa monografia.

Foi ao *dizer sim* para a improvisação, em 2019, que conheci um mundo novo de possibilidades, que refletiriam não apenas no trabalho como artista, mas nas relações pessoais como um todo. A improvisação pode agir tanto na transformação do sujeito, quanto na transformação da sociedade (MUNIZ, 2015), e é pensando nessa transformação possível através da Impro, que nasceu um projeto de ensino de teatro voltado para a contação de histórias autobiográficas através de jogos de improvisação.

É possível aprender a ser mais criativo, a treinar nosso cérebro a ser mais flexível, a melhorar nossa capacidade de ouvir nosso colega e de trabalhar em grupo, ao mesmo tempo em que se estuda uma forma de treinar, escrever e fazer teatro.

A improvisação é um campo vasto, com um sem-fim de informações, teóricos e grupos que trabalharam com improvisação ao longo da história, e trabalham até hoje utilizando a Impro como metodologia. Seria impossível abarcar todos, portanto, para este trabalho, focaremos no trabalho desenvolvido pelo professor e dramaturgo Keith Jhonstone (1990) e seus comentadores, especialmente no livro *“Improv Wisdom”*, da professora Patricia R. Madson (2005), autora fundamental para esse trabalho.

Sobre a Impro, Patricia tem uma visão filosófica e aplicável à vida cotidiana, o que aproxima o jogo teatral dos chamados “não atores”, isto é, aqueles que não se identificam enquanto atores profissionais, fator crucial para viabilizar uma oficina de teatro em um ambiente como a Moradia Universitária Ouro Preto, onde residem

¹ Ciclo básico, no curso de Teatro da UFMG, diz respeito a uma série de disciplinas obrigatórias comuns a todos os alunos do curso, geralmente realizadas logo nos três primeiros semestres da graduação.

estudantes de todos os cursos ofertados pela UFMG. Ora, se a oficina era pensada para atores e não atores, a melhor forma de comentá-la é através de uma autora que fala sobre improvisação de maneira ampla e contemplativa a todos.

A autora traz diversos conceitos do Sistema Impro, de Keith Jhonstone, condensados em treze máximas aplicáveis à vida, tanto em cena como fora dela. Esses conceitos e máximas, que desenvolverei mais à frente, se conectarão diretamente com a oficina analisada nesse trabalho.

O SISTEMA IMPRO

O *Impro System* (Sistema Impro), é um sistema de treinamento e improvisação teatral, desenvolvido por Keith Jhonstone. Jhonstone foi um professor, diretor e dramaturgo inglês, considerado um dos maiores nomes da improvisação. Seu sistema de improvisação propõe uma abordagem acessível a todas as pessoas, e não voltada exclusivamente para atores profissionais, ainda que, inicialmente, seu trabalho tenha sido direcionado para o treinamento de atores. Com o passar dos anos, a Impro passou a ser utilizada em diversas outras áreas, através da improvisação aplicada, como escolas, empresas e na psicoterapia, por exemplo, como uma ferramenta facilitadora na promoção da criatividade e de boas relações de cooperação. Suas ideias sobre comportamento, criatividade e performance vem sendo difundidas pelo mundo todo por mais de sessenta décadas, através de livros, oficinas e palestras, muitas dessas disponíveis gratuitamente na *internet*.

Ele nos mostra como a improvisação pode ajudar a olhar para o mundo com olhar de cooperação, ao invés de competição. Sendo o teatro um trabalho que é essencialmente colaborativo, a Impro desempenha um papel importante ao promover e facilitar os exercícios de escuta ativa, aceitação e colaboração, condições tão importantes não só para a cena teatral – improvisada ou não -, mas para a vida em sociedade.

Para Keith, a educação básica pode ser altamente nociva para a criatividade dos alunos. “Uma educação ruim destrói a imaginação, a criatividade e a espontaneidade, formando adultos bloqueados criativamente e artistas que se contentam em plagiar os padrões estabelecidos e se sentem incapazes de criar” (MUNIZ, 2006, p. 162). Muitos modelos de ensino, altamente centrados no resultado e não no processo, focam na cobrança por boas notas e por disciplina – que muitas

vezes significa ficar em silêncio em sala – e acabam podando o potencial criativo desses alunos ensinando-os a silenciarem suas vozes, limitando sua imaginação, e por fim, preparando adultos inflexíveis, limitados criativamente, que depois irão para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade carregando consigo essas características.

A boa notícia é que improvisação, assim como qualquer outra forma de fazer arte, pode ser aprendida, treinada e aprimorada, desde que diante de um treinamento com bons instrutores. Para isso, não é preciso ser ator, nem mesmo considerar-se artista. “O “talento” na improvisação, que envolve ouvir atentamente, observar as ações dos outros, contribuir, apoiar, liderar, seguir, preencher lacunas e buscar um desfecho apropriado, pode ser ensinado e aprendido.” (MADSON, 2005, p. 126)

PATRÍCIA RYAN MADSON E O LIVRO *IMPROV WISDOM: DON'T PREPARE, JUST SHOW UP*

Improvisadora e professora de teatro na Universidade de Stanford, é uma das diversas replicadoras do Sistema Impro, de Keith Jhonstone. Em seu livro *Improv Wisdom: Don't Prepare, Just Show Up* (Sabedoria da Impro: não esteja preparado, apenas esteja presente), ela apresenta ensinamentos sobre improvisação, e mostra como aplicar a Impro na nossa vida cotidiana. Para isso, a autora desenvolve treze “máximas”, ou seja, treze princípios ou diretrizes fundamentais que propõe para orientar a aplicação de conceitos de Keith sobre improvisação na vida cotidiana.

O objetivo de Patricia é ensinar a improvisação, baseada nos ensinamentos de Keith Jhonstone e do psicólogo Dr. David K. Reynolds², para incentivar pessoas a seguirem em direção aos seus verdadeiros objetivos, realizarem seus sonhos, e silenciarem a voz incapacitante que nos impede de tentar arriscar algo novo ou desconhecido.

Essas trezes máximas, fundamentadas no Sistema Impro de Keith Jhonstone, nos ajudam a estabelecer um manual para aplicação da Impro. Através delas, analisaremos no capítulo dois desse trabalho, onde relato uma experiência de ensino

²Dr. David K Reynolds é psicoterapeuta, criador do Constructive Living, uma abordagem ocidental para a educação em saúde mental, baseada em grande parte em adaptações de duas psicoterapias japonesas, a terapia Morita e a terapia Naikan.

teatral não formal realizada com não atores em uma moradia universitária, que visou a criação de histórias autobiográficas, onde a improvisação foi uma metodologia facilitadora para a realização dos exercícios, sendo motor para criação e troca de histórias emocionantes e inspiradoras, cenicamente ricas, em um encontro com estudantes da UFMG, não atores, residentes da Moradia Ouro Preto.

Sua abordagem é prática e filosófica, não se concentra apenas nas técnicas de improvisação, mas também explora uma abordagem filosófica e inspiradora da Impro. Seus conceitos são aplicáveis à vida cotidiana, não se limitando ao teatro ou ao jogo de improvisação, fazendo com que a Impro se torne uma ferramenta para qualquer pessoa, artista ou não, que deseje melhorar suas habilidades de comunicação, adaptabilidade e criatividade. Por tanto, é também uma forma de apresentar a Impro para iniciantes, pela maneira clara e convidativa que condensa a teoria de Jhonstone em treze máximas aplicáveis ao jogo, e à vida.

TREZE MÁXIMAS PARA A SABEDORIA DA IMPROVISÇÃO, SEGUNDO PATRICIA R. MADSON

A seguir, abordaremos as treze máximas estabelecidas por Patricia Madson para conhecermos a teoria de Keith Jhonstone e aplicá-la em nossa vida cotidiana. Em seguida, veremos como essa teoria se relaciona com a experiência realizada na Moradia Universitária da UFMG, em uma oficina de teatro com não atores onde o objetivo era a criação de pequenas narrativas autobiográficas, utilizando jogos de improvisação como motor.

Primeira Máxima: Diga sim.

Pode parecer exagero, mas dizer sim é um ato de coragem. Ao dizermos não, nos mantemos em um lugar de segurança e de conforto, no entanto, é comum nos encontrarmos conformados e confortáveis com situações que precisam de mudança. Ao dizer sim, abrimos a porta para o novo, nos permitimos experimentar, conhecer, explorar o diferente e, enfim, buscar realizar essa mudança que nossa vida pede.

Saber dizer não é um ato de autopreservação necessário em algumas ocasiões – na improvisação, precisamos sempre estar atento ao outro, em suas ações, mas também nos responsabilizarmos pelas nossas -, mas na vida tendemos a dizer mais não do que sim. Dizemos não “quando temos ideias melhores, quando mudamos de assunto, quando corrigimos quem está falando, quando falhamos na escuta, ou quando simplesmente ignoramos a situação” (MADSON, 2005, p. 29).

Aprender a dizer sim mantém o jogo ativo, traz sequência e continuação. Dizendo sim, você coopera e se coloca como equipe, não como adversário.

Há várias maneiras de se começar a dizer sim, uma delas é apoiando o sonho de algum amigo. Ajude-o a fazer, da melhor maneira, para que ele se sinta realizado. Aceite as propostas dos seus colegas de trabalho. Substitua o “sim, mas” por “sim, e”. O “sim, e” adiciona algo à proposta do seu colega, enquanto o “sim, mas” a invalida. A primeira máxima nos convida a conhecer as mudanças que podem surgir quando passamos a dizer mais **sim**.

Segunda máxima: Não esteja preparado.

Economize energia substituindo o planejamento, por de fato fazer algo sobre os nossos sonhos. Substitua o hábito de estar preparado, por estar mentalmente presente, atento ao momento. Para muitas pessoas o planejamento seja uma maneira eficaz e racionalista de organizar metas, visualizar progressos e manterem-se em curso, e isso é ótimo. Mas para outras, é uma forma de sabotagem: sempre haverá algo que precisa ser planejado, ou melhor preparado, resolvido, para que só então seja possível começar. Mas a energia gasta para o preparo as vezes é tanta, que não sobra recursos para de fato realizar os objetivos minuciosamente planejados.

Substitua essa preocupação em estar preparado, por estar atento. Estar atento ao momento presente, ao agora, nos conecta diretamente com o que está acontecendo, ao invés do que pode acontecer.

A busca em estar bem preparado muitas vezes pode estar relacionada ao medo de falhar, e pensamos que estaremos confiantes quando estivermos devidamente preparados, mas a confiança, geralmente vem após a performance. Artistas experienciam isso ao finalizar uma performance, na troca com o público ao fim de um

espetáculo, ou de um show. Os artistas mais bem preparados experienciam o medo antes de entrar no palco, afinal de contas, é um medo natural, afinal queremos nos sair bem, queremos que seja bem feito. Uma ideia da segunda máxima para lidar com esse medo é redirecionar a atenção, ao invés de focar no medo do que irá ou poderá acontecer, foque no que de fato está acontecendo agora.

Terceira máxima: apenas apareça.

Esteja aonde você precisa estar, para realizar o que precisa ser feito. A procrastinação é extremamente eficaz em nos levar na direção oposta dos nossos objetivos, e ficamos em busca de algum estímulo ou motivação para sairmos da estagnação e agirmos.

Podemos pensar que a motivação, assim como a confiança citada na segunda máxima, como um resultado da ação, não como um requisito para ela. No entanto, atente-se à sua saúde, pois “simplesmente agir” pode ser muito mais difícil para algumas pessoas que outras, então certifique-se de pedir ajuda profissional se achar preciso. Mas sendo possível, faça. Primeiro mudamos a ação, depois trabalhamos na motivação.

Patricia também nos convida a sermos pontuais. Ao ser pontual, você respeita o tempo das pessoas envolvidas no processo contigo. “Tempo perdido nunca é encontrado” (MADSON, 2005, p. 46) ela cita.

Quarta máxima: Comece de qualquer lugar.

É comum, ao olharmos uma tarefa bastante complicada, pensarmos “não sei sequer por onde começar”. Seja arrumando um quarto muito bagunçado, montando um quebra-cabeças ou iniciando a escrita de um trabalho de conclusão de curso. A dica de Patricia é: apenas comece. Veja que de mais óbvio pode ser feito, comece a partir daí. “Todos os pontos de partida são igualmente válidos” (MADSON, 2005, p.53). Quando estamos com a mão na massa, percebemos que o desenvolver é menos difícil do que antecipávamos, enquanto planejávamos por onde seria correto ou melhor começar.

Em resumo, é um convite a praticar um conceito muito importante do Sistema Impro, de Keith Jhonstone: aceitar a primeira ideia.

Quinta máxima: Seja mediano.

Quando buscamos uma ideia original, inovadora, tendemos a nos decepcionar com os resultados. O perfeccionismo não contribui para um bom resultado, muito pelo contrário, pode ser justamente o motivo pelo qual seu trabalho não sairá como gostaria. A pressão pela melhor ideia bloqueia nossa percepção do óbvio, e é justamente ao tentarmos o óbvio que tiramos essa pressão, e relaxados, podemos criar livremente.

Assim como na quarta máxima “comece de qualquer lugar”, nos bloqueamos ao pensar qual a hora/momento/lugar certo para iniciar. Nos bloqueamos da mesma forma ao procurarmos uma ideia original, inovadora. Sobre isso, Mariana Muniz em sua tese “Improvisação como espetáculo: Processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador”, fala:

“A censura dos primeiros impulsos corresponde a um mecanismo de autodefesa. Dizer ou fazer a primeira coisa que nos ocorre é como despir-se diante dos demais, pois esses primeiros impulsos por vezes carregam ainda segundo Jhonstone, alguma carga psicótica, obscena e muitas vezes infantil. Sentir-se suficientemente protegido com o grupo e com o professor é fundamental para que o ator-improvisador se liberte de suas defesas e possa começar a reagir a estímulos externos e/ou internos sem censurar seus primeiros impulsos” (MUNIZ, 2015, p. 165)

O convite da quinta máxima é o de confiar na sua primeira ideia. Através dos jogos de improvisação é possível trabalhar essa flexibilidade, não desistir das primeiras falhas. Tente de novo. Erre de novo. Confie em suas primeiras ideias e não tema o fracasso, apenas entenda que ele faz parte do processo.

O que é óbvio para você, talvez não seja para o outro. Nossa visão do mundo é única, então, ao invés de tentar “pensar fora da caixinha”, busque pensar dentro da caixinha, mas mais atentamente. Confie na sua mente, sua visão já é única e original.

Sexta máxima: Preste atenção.

Nosso universo pessoal é criado a partir do que nossas percepções captam e armazenam. Nossa visão de mundo, até mesmo algumas características pessoais,

vêm da nossa observação. Na sexta máxima, o convite é para estarmos atento ao que nos rodeia e a quem nos rodeia. “Atenção é o coração da improvisação”, diz a autora (MADSON, 2005). É comum, ao assistirmos espetáculos de improvisadores profissionais, pensarmos “uau, como ela é inteligente!”, “como ela raciocina rápido”. A realidade é que improvisadores profissionais prestam a máxima atenção que podem, portanto, lembram-se de coisas que passaram despercebidas pela plateia.

Para praticar essa atenção plena que a autora sugere, temos algumas sugestões: quando um amigo te procurar para desabafar, ou contar alguma história ou ideia, preste profunda atenção. Procure tentar visualizar o que ele conta, a partir da sua narração. Muitas pessoas as vezes precisam apenas de alguém com uma escuta empática, que as ouçam com atenção, o que é raro e precioso em um mundo com muita informação veiculada em massa através das redes sociais, *outdoors*, comerciais, televisão etc.

Outra sugestão é a de sair caminhar pelo seu bairro. Escolha um caminho novo, procure uma rota diferente, preste atenção na sua vizinhança, veja se há algum detalhe interessante sobre o que está próximo a você e que antes passava despercebido.

Ao decidir que algo precisa ser feito, direcione sua atenção à tarefa. Sempre que sua mente divagar, ou que perceber que saiu da sua rota, retorne à tarefa. Não importa quantas vezes divague, continue tentando, continue retornando sua atenção à tarefa. Talvez essa sugestão seja a mais difícil, mas Patrícia nos alerta: “Nem mesmo um mestre Zen vive em estado de atenção plena o tempo inteiro. Progresso é o que buscamos” (MADSON, 2005, p. 72).

Sétima máxima: encare os fatos.

A primeira máxima nos disse “diga sim”. E o que fazemos ao dizer sim? Trabalhamos com o que vier em seguida. Aceitamos a oferta e trabalhamos com ela.

Quando cito que a improvisação é aplicada para além do teatro, aqui com a sétima máxima consigo exemplificar muito bem isso, com afazeres ordinários da vida humana, como pagar a conta de luz, por exemplo.

Sabemos que ela estará lá, todo mês com prazo de vencimento. Sabemos que devemos pagá-la, e se não o fizermos, a luz será cortada. Acontece que procurar o talão em meio às outras correspondências, abrir o aplicativo do banco, realizar o pagamento, é “chato” e “pouco motivante”, e deixamos para depois. Facilmente, fechamos os olhos para a realidade, e esperamos que a luz não seja cortada. Um improvisador não pode fechar os olhos, pelo contrário, deve encará-la.

Trabalhe com a realidade. Não busque controlar seu parceiro, trabalhe com o que ele lhe oferece. “Lidar bem com pessoas que gostamos, é fácil; a marca de um bom improvisador está em sua habilidade em trabalhar bem, bondosamente e com respeito com aqueles com quem temos dificuldades” (MADSON, 2005, p. 79).

O trabalho com Impro sugere encarar o desafio que te impede de realizar aquilo que você deseja para ti. A insegurança faz parte, então, trabalhe com ela. Não lute contra a realidade. Improvise com ela.

Oitava máxima: seja contínuo.

Meu maior sonho na vida é ser músico. Sempre quis compor e cantar, performando minhas músicas para aqueles que se interessassem no que eu tenho a compartilhar com o mundo. Somente há poucos anos eu decidi agir diante disso.

Comprei meu primeiro violão em 2013, quando morava em Ponta Grossa na casa dos meus pais. Mudei no ano seguinte para Curitiba, e em 2017 decidi vendê-lo. Não havia conseguido aprender a tocar, e como precisava do dinheiro, vendi. Me arrependi amargamente, mas já era tarde e eu não tinha recursos para comprar um novo.

Um ano depois, Dani, uma amiga querida que conheci em um projeto voluntário em Curitiba, sabia do meu sonho, e me presenteou com um violão que ela tinha, mas que não usava, pois ela havia decidido que o violão *não era o seu instrumento*. Um lindo violão em perfeito estado chegou em minhas mãos, com capa e tudo, em forma de presente.

Minha retribuição a tamanho presente, o qual possui valor imensurável pela ação dela ao me conceder o instrumento, seria em aprender a tocar violão de uma vez por todas. Comecei a aprender, mas trata-se de um instrumento difícil, de fato.

Comecei a pagar um professor de violão, e embora eu treinasse durante as aulas, e nas vésperas das aulas para chegar preparado, eu não treinava diariamente. Novamente percebi que estava caminhando em direção à frustração. Ao invés de estar em contato diariamente com meu instrumento, encostava nele apenas para as aulas com o professor, para não decepcionar o professor.

Foi somente quando entendi que eu deveria investir tempo que passei a obter progresso, e isso aconteceu em 2020. Hoje me considero um violonista intermediário, três anos depois de mudar minha postura diante dos estudos de violão. Ao assistir minhas gravações de 2020, me sinto orgulhoso por perceber como avancei. E me sinto animado em pensar que, se eu seguir treinando, não há limite para o quanto eu posso aprender. Eu só preciso ser contínuo.

Então, comece agora e seja contínuo. A dica para essa máxima é minha: experimente o novo, que você quer tanto fazer, agora. Faça um registro dessa ação, em um diário, em gravação de voz, em fotos, como achar viável. Depois, com o passar dos meses e anos, consulte esse material e perceba seu progresso. Talvez isso ajude você a tomar conta do quanto progrediu, e silencie a voz do “não consigo aprender nunca”, caso ela tente te bloquear.

Nona máxima: Desperte para os presentes.

Escutar atentamente é algo que improvisadores profissionais aprendem logo no início. Improvisar é saber ouvir atentamente o outro e seu ambiente. Despertar-se para as ofertas que recebemos dos nossos colegas de trabalho pode ser uma grande ferramenta para trabalharmos bem em grupo.

Geralmente olhamos para situações com olhares críticos, onde facilmente encontramos os erros, as culpas, as falhas. É importante sabermos verbalizar quando algo de errado acontece, mas e quando algo de bom acontece, nós verbalizamos com a mesma intensidade?

A nona máxima é um convite para atentar-se aos presentes que recebemos no nosso dia a dia. Para o improvisador, o copo está sempre meio cheio.

Décima máxima: por favor, erre!

Pode parecer estranho uma máxima com esse título “por favor, erre”. Não deve ser interpretado como se a autora quisesse nos direcionar para o erro, ou agir com desleixo ou dando pouca importância. A ideia por trás da décima máxima nos convida a não paralisarmos diante dos nossos erros, e aceitarmos eles como parte dos nossos processos. Logo no início, Patricia escreve “se você não estiver cometendo erros, você não estará improvisando” (MADSON, 2005, p. 103).

Quem cresceu assistindo à TV aberta nos anos 2000 pode lembrar de quadros da TV que mostravam atores errando em cena. Aqueles personagens vilões das novelas eram mostrando quebrando a quarta parede ao errar uma fala, ao cair em riso, ou quando algum objeto cai, quebra, enfim, interfere. Geralmente esses quadros nos tiravam risadas, porque assistir o outro falhando, o humaniza. Estabelecemos uma conexão maior com a pessoa ao entendermos que ela, tão humana quanto nós, também erra.

Mariana Muniz, que foi minha professora de Impro e uma das maiores replicadoras das teorias de Jhonstone no Brasil, sempre incentivou a mim e meus colegas que ao errar, tentássemos novamente (jogue de novo!).

“Costumo dizer aos meus alunos que fracassar é apenas fracassar, que de terrível lhes acontecerá por errar e que sempre terão a oportunidade de tentar de novo. *Play again!* [Jogue de novo] Essa é uma das instruções-chave da metodologia de Jhonstone.” (MUNIZ, 2015, p. 165)

Em alguns jogos, ao errarmos, éramos aplaudidos. Essa comemoração diante dos erros que cometíamos durante as improvisações tiravam nossa tensão e nos colocávamos em um estado de trabalho prazeroso e divertido.

A jogada é pensar o fazer diante do erro. É possível criar com ele? Se a resposta for sim, você já sabe o que fazer. Não tenha medo de errar, saiba que independente do medo você eventualmente cometerá uma falha ou outra, então, ocupe-se em cultivar uma mente flexível, que sabe ser resiliente diante dos seus erros e dos erros dos seus colegas.

Décima primeira máxima: aja agora!

Após essas dez máximas, chegou a hora de convidar você a agir, de fato. Na oitava máxima citei a importância de me manter em curso nos estudos de violão. Isso

significa que todos os dias eu deveria estar estudando violão, praticando, em contato com o instrumento de alguma maneira.

Muitas vezes eu não tinha estímulos para treinar, e tentava me sabotar de toda forma para não fazer o que precisava ser feito. Outro exemplo é quando tem um livro que eu gostaria muito de ler. A ideia de ler o livro inteiro me causava tamanha ansiedade que sequer me aproximava dele. Passei a estabelecer um tempo mínimo de dez minutos treinando meu violão, ou lendo um livro, apenas dez minutos. Pensava “eu gasto muito mais que dez minutos facilmente navegando nas redes sociais, ou distraído com qualquer coisa. Então, eu vou dedicar no mínimo dez minutos, das vinte e quatro horas do meu dia, lendo esse livro ou treinando o violão”. O resultado, quase sempre, era que eu ficava muito mais do que dez minutos realizando essas atividades. Ao agir, eu entrava em contato de fato com o que eu precisava – e queria – fazer, e com isso, imergia dentro do universo do livro, ou empolgava tocando músicas no violão por uma hora.

Mas, é preciso atentar-se a ter uma perspectiva maior da situação. Para muitas pessoas, a ação necessária a ser feita é a de justamente descansar. No fundo você sabe o que é que precisa ser feito, o problema é evitar e não fazer. Se é de descanso ou repouso que seu corpo precisa, não adie. Aja.

Comece pelo óbvio, ou pelo que parece ser mais difícil. Faça logo pela manhã, ao acordar. Tente fazer de uma maneira diferente. Você não precisa estar se sentindo inspirado, apenas faça. Convide algum amigo para fazer junto com você. A ação é a essência da improvisação.

Décima segunda máxima: cuide dos seus colegas.

Na improvisação uma das primeiras coisas que aprendemos, é que se trata de um trabalho em grupo e de cooperação. Portanto, é imprescindível que busquemos colaborar com uma atmosfera saudável, que inspire segurança a todos os presentes. Só assim eles se sentirão disponíveis para confiar em expor suas primeiras ideias, que como já falamos, são as mais censuradas.

Uma maneira de criar essa atmosfera, é cuidando dos nossos colegas e fazendo com que eles se saiam bem. Nessa máxima, a autora nos incentiva a agirmos de maneira auxiliadora com nossos colegas, ajudando-os nas resoluções dos problemas (sejam eles em cena, ou no seu local de trabalho), da melhor maneira que pudermos.

É claro que as vezes nossos amigos passam por situações que fogem da nossa capacidade de ação, mas havendo algo que possa ser feito, faça (*décima primeira máxima: aja agora*), mesmo que esse algo seja apenas estar lá, presente, ao lado do seu amigo em um momento difícil. As vezes ouvir atentamente (*sexta máxima: preste atenção*) é tudo que podemos fazer, mas quantas vezes tudo que mais precisávamos era apenas um bom amigo com uma escuta verdadeira e empática, para desabafarmos e compartilharmos nossas angústias?

Esse cuidado com o bem-estar com seus colegas, trabalhar para que eles se saiam bem em suas atividades, cria um ambiente colaborativo que é o coração da improvisação. “Seja um anjo da guarda”, diz Patricia. Se for o caso, escolha um amigo específico e direcione sua energia para ajudar seu caminho a ser menos árduo, ajude-o a executar bem suas tarefas, a alcançar seus objetivos, enfim, havendo qualquer coisa que você possa fazer, faça.

Outro cuidado importante para o trabalho em grupo é saber compartilhar o controle. Saber perceber quando em determinada situação devemos conduzi-la para fazer o que precisa ser feito, e em outras situações o correto, para que o objetivo seja alcançado, é permitir ser liderado e guiado. Perceba, o foco está em conduzir a história adiante, em resolver o problema, em fazer o que precisa ser feito.

Para o improvisador, dizer “não é meu trabalho” não é uma opção. Se o improvisador se depara com algo que precisa ser feito, então ele deve fazer. Aplicar isso na vida pode ser uma chave para que o mundo seja um pouco mais como

gostaríamos que fosse. Todos queremos que os oceanos tenham menos plástico, mas quantos de nós nos preocupamos em separar nossos lixos? Queremos que a praia amanheça limpa, mas quantas vezes, enquanto caminhamos, simplesmente passamos pelos lixos espalhados no caminho e deixamos eles lá, revoltados com quem sujou, mas sem fazer nada para resolver, afinal, não é meu trabalho? Concorde que se todos que caminhassem pela areia da praia, carregassem consigo uma pequena sacola para juntar o possível do lixo encontrado na areia, a fim realizar um descarte apropriado, a areia estaria menos suja do que se ao menos desviássemos pensando de quem era a culpa por aquele lixo estar ali.

Uma dose de gentileza também é bastante bem-vinda. Não hesite em fazer algo gentil por alguém, colabore na criação de um espaço acolhedor e seguro para se trabalhar. Precisamos de segurança para arriscarmos com mais ousadia.

A décima segunda máxima nos convida a sermos um anjo da guarda para alguém. Cuide para que seu parceiro se saia bem. Divida o controle. Pense em cooperação ao invés de competição. Não economize em atos de gentileza, com seus colegas e com o meio ambiente.

Décima terceira máxima: Aproveite a viagem!!!

Havendo uma oportunidade de diversão, aproveite-a. Diversão, embora não seja um pré-requisito para que realizemos nossas obrigações, pode ser um grande remédio para as nossas tensões, inclusive nos auxiliando no nosso cotidiano.

Para improvisar, precisamos estar atentos, porém relaxados. Realize atividades unicamente pelo prazer e se divertir fazendo-as. Tome um banho de mangueira, convide seus amigos para jogar (existem ótimos jogos de improvisação que são pura diversão e podem ser fonte de boas risadas com seus amigos).

Se seu olhar estiver focado apenas no resultado final, no objetivo, na meta, você deixará passar despercebido tudo que estiver no percurso. Meu amigo Bardo, colega do bacharelado em artes cênicas, na FAP, me falou uma vez que a nossa arte mora entre o nosso objetivo e o que de fato entregamos.

Irá viajar para a praia? Aproveite a oportunidade para curtir todo o caminho até ela. Perceba a mudança nas vegetações, no clima, nas pessoas. Repare o que aparece no caminho. Às vezes você pode se surpreender com o que encontrar.

Considerações finais

A abordagem da Impro, proposta por Patricia Madson, é bastante filosófica, pois, a autora nos convida a olhar para a Impro como uma ferramenta para a vida, do que necessariamente para o teatro em si. E ainda, aplicar essas máximas em nossa vida nos auxilia a aplicá-las o exercício de improvisação não somente para o teatro, mas para realizarmos qualquer atividade que desejamos realizar, e que não o fazemos por não nos sentirmos prontos.

É claro que algumas mudanças só são capazes mediante auxílio profissional médico. A improvisação não irá resolver todos os problemas do mundo, e seria ingênuo e audacioso da minha parte sugerir que sim, mas certamente te colocará em movimento e em direção a realização dos seus sonhos.

Nunca é tarde para começar, só precisamos dar o primeiro passo, que é dizer sim para aquela vontade de criar que habita na criança interior de todos nós. Os próximos passos vocês já conhecem, estão nas treze máximas que Patricia propôs, e que busquei resumir nesse capítulo, a fim de facilitar o compartilhamento com outras pessoas que como eu, se sentiam bloqueadas para criar. Então, diga sim! Não esteja preparado, esteja presente. Comece de qualquer lugar, sendo mediano, prestando atenção, encarando os fatos, e continue em curso. Atente-se aos presentes, não tenha medo de errar e saiba que a hora de agir é agora! Cuide bem dos seus, e durante todo esse caminho, aproveite a sua jornada.

CAPÍTULO 2 “CORPO-MORADA”

DESENVOLVENDO UMA OFICINA DE ENSINO NÃO FORMAL EM TEATRO

No primeiro semestre de 2023, no curso de licenciatura em Teatro da UFMG, realizei uma disciplina chamada “Projetos Especiais em Educação³”, que na época foi ministrada pelo Profº Ricardo Figueiredo, onde nos foi proposto que elaborássemos uma oficina de teatro voltada para o ensino não formal, isto é, aquele que acontece fora das escolas e demais espaços tradicionais de ensino.

Portanto, antes de desenvolver a oficina, precisei primeiro definir onde ela seria realizada e para quem. Então, a sala tradicional de teatro, espelhada e pensada para este fim era a última opção a qual iria recorrer, pois gostaria desenvolver um formato de oficina que pudesse ser levada a locais diversos, como associações de moradores, empresas, grupos de estudo, grupos de trabalho em geral etc.

No momento de definir o público alvo, decidi não formatar a oficina de maneira exclusiva para atores, por um motivo filosófico muito específico: acredito que a criatividade artística não é qualidade restrita a profissionais da área, mas sim, uma qualidade humana comum a todos: “Assim como o sangue é uma realidade do seu corpo físico – e não uma invenção -, a criatividade é uma realidade do seu corpo espiritual – e não fruto da sua imaginação” (CAMERON, 2017, pág. 19), no entanto, é claro que algumas pessoas, seja por recursos ou incentivos dos familiares, terão maior facilidade que outras de se reconhecerem enquanto artistas e se permitirem a criar. Sendo assim, me veio a dúvida: como seria possível abraçar um público heterogêneo de maneira divertida, mas que ao mesmo tempo construa uma experiência de ensino-aprendizagem em teatro em uma experiência criativa e autoral? E sempre que me deparo com esse desafio - de conduzir práticas teatrais, seja em espaços formais ou não - a Impro é a minha primeira ideia, e para a qual eu sempre digo sim. Além de considerá-la uma rica forma de realização e criação de espetáculos (MUNIZ, 2015, p. 31), considero nítida sua relação com a construção de bem-estar individual e coletivo, pela sua capacidade de promoção da espontaneidade,

³ Projetos Especiais em Educação é uma disciplina obrigatória do curso de licenciatura em Teatro da UFMG, usualmente ofertada para o sexto período da graduação.

criatividade etc., baseada nas treze máximas para a Impro, citadas no capítulo anterior.

Em um mundo altamente televisionado, *instagramado*, *tiktokzado*, a espontaneidade vem sendo deixada cada vez mais de lado, dando espaço aos avatares, a versões virtuais minuciosamente editadas, pensadas e arquitetadas dentro de parâmetros algorítmicos, com seus filtros, *trends* e demais recursos, calculada para obter o maior alcance e o maior número de likes. Então, como fazer um contrapeso dessa inevitável crescente cobrança do estímulo a versões avatares, irreais, de nós mesmos? Do uso das ferramentas virtuais em detrimento das relações humanas, físicas, espontâneas? Enquanto professor-artista, entendo que através do teatro.

Não apenas por ser uma arte que, por essência, pressupõe o encontro entre duas ou mais pessoas, mas por ser uma arte humana por essência, a qual não poderemos acelerar a reprodução, não podemos pausar para ver depois. É a arte do aqui e agora.

Desde o primeiro contato que tive com a Impro, pude perceber os efeitos das práticas não apenas em mim, mas também na turma de teatro da qual fazia parte na época.

Quanto a mim, desconstruí uma autopercepção equivocada de que “sou incapaz de improvisar”, conceito reforçado em diversas experiências anteriores, que como Keith pontua, são potencialmente fatais para a criatividade. Ao entender que o improvisado é uma qualidade inerente aos humanos: “humanos são improvisadores por natureza (...)” “Todo mundo, a menos que esteja atuando em uma peça roteirizada, cria sua vida à medida que segue em frente. Todos nós estamos improvisando.” (MADSON, 2005, p. 18). Aprendi também que improvisamos em nosso dia a dia nas mais diversas situações, e que espontaneidade pode sim ser trabalhada, que criatividade não é apenas uma característica inerente e exclusiva de crianças ou de artistas profissionais, mas talvez o mais importante, foi aprender sobre a importância da colaboração e do trabalho em equipe, afinal de contas o teatro é por essência um trabalho coletivo.

Quanto à turma da disciplina, foi possível perceber que os jogos promoveram uma aproximação maior entre os alunos, criando uma sensação de coletivo teatral, onde novos laços de amizade nasceram e um maior respeito e proatividade dentro e

fora da cena também se mostraram presentes. Que prática é essa que é teatro, mas também é jogo, e que ao mesmo tempo nos auxilia em nossa vida cotidiana para além dos propósitos cênicos?!

Foi dessa disciplina, chamada “Improvisação Teatral II”, ministrada pela Prof^a Dr^a. Mariana Lima Muniz, no primeiro semestre de 2019, na Escola de Belas Artes da UFMG, que absorvi os ensinamentos que não só me auxiliam no ofício de professor e artista criador, como também na minha vida como um todo. Portanto, para criação dessa oficina requisitada pelo Prof^o. Ricardo, meu objetivo inicial era levar ao menos uma demonstração do que é a Impro, pois se a experiência com a Prof^a Mariana durou um semestre letivo na faculdade, a oficina para a disciplina citada duraria somente uma manhã, mas mesmo que breve, ela precisava acontecer e eu desejava que acontecesse de maneira prazerosa e que o resultado fosse satisfatório para todos os envolvidos.

Acredito que o conhecimento é válido quando compartilhado, e por ter tido tanta melhora nas esferas profissionais, artísticas, e por tanto pessoais também, quero compartilhar o que aprendi com minhas professoras com o maior número de pessoas interessadas possível. Desse desejo nasce “Corpo-Morada”, oficina de improvisação criada juntamente com dois colegas que uniram seus objetivos ao meu, resultando numa rica experiência que relatarei nas páginas seguintes.

“CORPO-MORADA”: UM LABORATÓRIO EXPERIMENTAL DE TEATRO PARA NÃO ATORES

A oficina aconteceu às nove horas da manhã de sábado do dia 10 de junho de 2023, no salão de convivência da Moradia Ouro Preto I, da UFMG. A oficina foi criada e realizada por mim, juntamente dos colegas Renata Lanier e Manoel Soares, ambos artistas professores, alunos do curso de licenciatura em Teatro da UFMG, e amigos queridos que conheci através do curso e com quem convivo há alguns anos. Após algumas conversas, percebemos que havia em nossos objetivos um propósito comum, que era o de promover o compartilhamento de pequenas histórias autobiográficas.

A ideia era utilizarmos os jogos de improvisação como método facilitador para as atividades, auxiliando na evocação dessas memórias e visando também promover

um momento lúdico, de relaxamento, de diversão, e de criação cênica para os residentes da moradia.

Meu interesse em trabalhar com a evocação de memórias começou quando ao fazer uma análise da minha trajetória artística e acadêmica, pude perceber como questões autobiográficas aparecem em quase todos os trabalhos que realizei. De alguma maneira, sempre houve um fator de pessoalidade, as vezes até bastante sutil, mas ainda assim autobiográfico nos trabalhos que desenvolvi no decorrer das disciplinas. Não há como fugir de si. Então, gostaria de propor atividades com esse objetivo às pessoas que não se reconhecem como artistas, mas que tem vontade de criar alguma coisa, ainda que não se saiba exatamente como, ou o que.

Isso ficou ainda mais nítido ao ler o artigo “Teatro Renascer: da pedagogia à poética da cena”, de Carmela Soares (2016), mestre em Artes Cênicas e Professora do Departamento do Ensino do Teatro da UNIRIO. Nele, a autora relata a experiência do **Teatro Renascer**, grupo formado por pessoas com mais de sessenta anos que utiliza fragmentos da memória como material para criação dramaturgica. O texto conta a importância do teatro na vida dos participantes e o impacto positivo que esses jogos tiveram dentro daquele grupo de pessoas, como pode ser notado nas palavras de antes e depois, como veremos adiante na Tabela I, além dos agradecimentos e pedidos para novos encontros da oficina. Mais uma vez percebo como é necessário aproximar o público pouco familiarizado com os jogos teatrais ou exercícios cênicos em geral, das práticas criativas e de como também é necessário trazê-las para a nossa vida cotidiana, por todos os benefícios já citados anteriormente.

O PÚBLICO-ALVO: A MORADIA UNIVERSITÁRIA DA UFMG

A MOP, como chamamos a Moradia Ouro Preto, é uma residência para alunos de vulnerabilidade socioeconômica, que são estudantes da UFMG em sua primeira graduação, oriundos de cidades distantes de Belo Horizonte e região metropolitana. É um conjunto de três condomínios (MOP 1, 2 e 3), onde cada condomínio tem em média cinco blocos. Em cada bloco, dez apartamentos. Em cada apartamento, em

média oito estudantes, agrupados por gênero, a princípio de maneira aleatória⁴, morando em uma convivência “forçada” com pessoas estranhas, muitas vezes vindas de cidades, estados, enfim, culturas muitas vezes bastante distintas. Para além disso, a idade é um fator importante: esses estudantes em sua maioria não têm mais de 20 anos de idade ao chegar na MOP, e tendo muita pouca experiência em viver por conta própria fora de seus lares de origem, enfrentam dificuldades sérias de convivência, e de saúde mental em casos mais graves.

A administração da MOP e o movimento estudantil (A Associação de Moradores. Movimento estudantil seria tudo: DCE, DA, CA etc) promovem diversas ações dentro da moradia, visando promover uma interação saudável entre os residentes, melhorar a experiência desses estudantes nesse espaço e trazer uma melhor qualidade de vida. Portanto, não vi sentido em buscar um outro espaço para realizar essa oficina que não fosse minha própria morada: a Moradia Universitária Ouro Preto.

Em 2019, quando conheci a Prof^a. Mariana Muniz através das disciplinas “Oficina de Improvisação II” e “*Improvisation, leadership, collaboration and creativity...*” (essa segunda oficina foi ministrada juntamente com Theresa Dudeck⁵) ofertadas no primeiro e segundo semestre daquele ano, respectivamente, minha vontade em levar a Impro com as pessoas próximas a mim já era latente, e foi quando percebi a improvisação rompendo as paredes da sala de aula e entrando para a minha vida cotidiana, melhorando-a.

Resido um dos apartamentos da MOP com outros 7 rapazes. Dos oito moradores do apartamento 102, sete mudaram para cá ao mesmo tempo em outubro 2019, e juntos enfrentamos o desafio de morar longe de nossas casas (no apartamento tivemos moradores do norte, nordeste, sul e sudeste), enfrentamos juntos o isolamento durante a pandemia, as dificuldades em morar longe de nossas famílias na capital mineira, mas também, naturalmente, passamos por diversos

⁴ Embora os alunos sejam agrupados aleatoriamente, a administração da moradia permite, e até auxilia, que estudantes mudem para apartamentos onde preferam estar. Eu mesmo mudei duas vezes de apartamento até chegar no que moro hoje, há quase quatro anos.

⁵ Theresa Dudeck é uma pesquisadora e professora de improvisação teatral, é autora da biografia de Keith Jhonstone, e aplica a improvisação para promover a colaboração e a criatividade em grupos diversos.

problemas de convivência, especialmente no que diz respeito à rotina de limpeza do espaço comum no apartamento.

Em dias bons, fazíamos noites de jogos, onde eu conduzia algumas dinâmicas da Impro, que foram muito bem aceitas pelos colegas, como o “*pega pega lento*”, “*eu sou uma árvore*”, contação de histórias improvisadas, entre outros. Nesses momentos de descontração, nossas relações passaram a se estreitar, nos transformando, para além de colegas de apartamento, amigos e rede de apoio uns para os outros.

Nesse ano, notava em mim um comportamento altamente controlador. Mascarava minha insegurança tentando controlar tudo a minha volta, considerava minhas ideias as melhores ou mais eficazes, raramente cedia e não sabia lidar bem com opiniões contrárias à minha. Pude perceber durante as aulas de Impro como esse comportamento é altamente nocivo, não só para a cena, mas para nossa vida como um todo. Com alguma dificuldade, resolvi passar a dizer mais “sim, e” ao invés de “não”.

Nas reuniões do apartamento, quando definíamos as regras de convivência e pensávamos em estratégias de limpeza que fossem funcionais, parei de tentar conduzir a reunião da forma que eu considerava melhor e mais eficiente, dando lugar a uma postura de “tudo bem, vamos tentar dessa forma”. Ainda que não totalmente convencido, e eu lembro de realizar um esforço de fato para soltar e abrir mão do controle, decidi confiar na teoria e, então, passei a aceitar as ideias dos meus colegas. Ao invés de negar as propostas trazidas pelos meus colegas, por acreditar que as minhas funcionariam melhor, passei a concordar. Claro que não podemos dizer sim a tudo, isso seria uma ilusão, mas o fato é que a medida em que desci de um certo pedestal em que me coloquei, mas que me isolava dos demais, nossa relação se horizontalizou, ganhei verdadeiros amigos e nosso cuidado com o apartamento melhorou de tal forma que hoje, quatro anos depois, ainda moramos todos juntos e seguimos acertando, ainda que com falhas pontuais. Ficou claro para mim que quando eles se sentiram ouvidos e legitimados, a tensão foi deixada de lado e o relaxamento trouxe a nós oito uma convivência amistosa e saudável.

Com isso, pensei em formatar uma oficina que fosse aplicável a todos os residentes da moradia. Se a Impro auxiliou nossa relação e nossa convivência no

apartamento, ela poderia auxiliar nos demais também. Então, eu, Manoel e Renata formatamos a oficina, e eu fiz a ponte com a gerência, solicitando autorização.

A ideia não só foi muito bem aceita como bastante apoiada pela administração da moradia, que se prontificou a ceder o espaço e inclusive nos auxiliaram na divulgação sem que sequer solicitássemos essa ajuda, o que nos trouxe uma sensação de boas-vindas e nos alegrou imensamente.

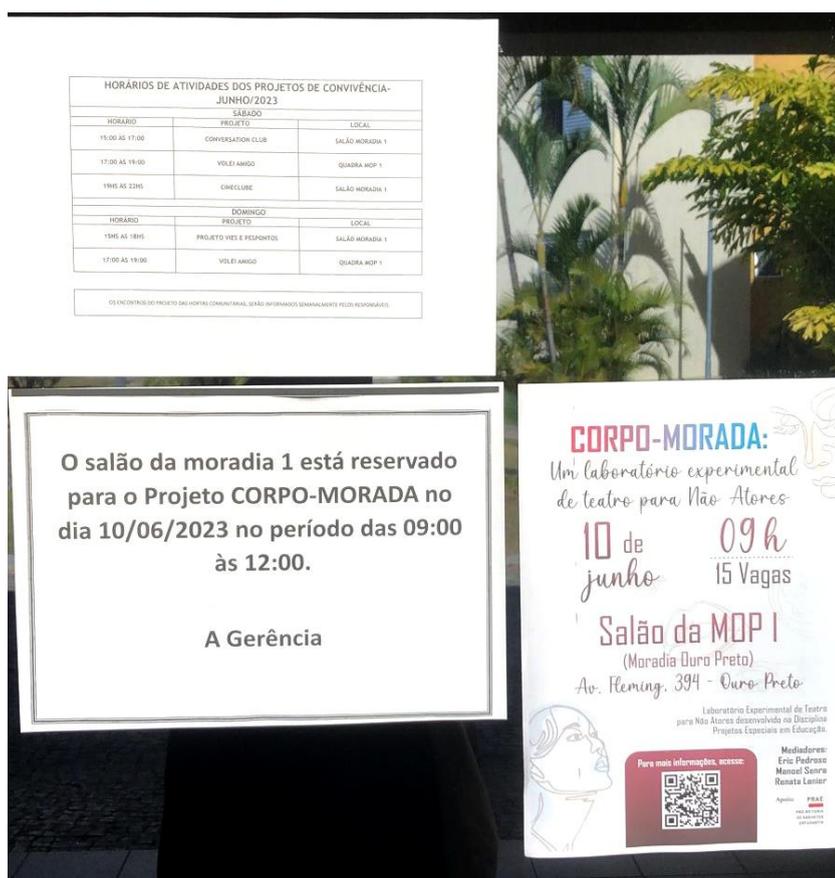


FIGURA I: Divulgação da oficina. À esquerda, no canto inferior, a divulgação realizada pela administração da moradia de maneira voluntária. No canto inferior direito, o cartaz feito por Manoel Soares:

FONTE: Fotografado pelo autor, 2023.

Como tratava-se de um projeto piloto, limitamos a um número de 15 vagas para que pudéssemos garantir uma boa experiência a todos os presentes, e assim aconteceu.

Iniciamos a oficina conduzindo um aquecimento corporal, para preparar corpo e mente para as nossas práticas. Após um breve alongamento, conduzi um exercício

de consciência corporal, que visava ser uma prática meditativa para conectar todos ao momento presente. Nesse momento, pedi para que percorressem mentalmente toda a superfície da pele, percebendo o tato em cada parte do nosso corpo, buscando sentir o peso do contato no chão, a textura do tecido na pele, enfim, para que a atenção deles uma vez voltada para esse sentido específico, se desprendesse do mundo externo, e das sensações de atraso (a maioria dos participantes chegou com 10 minutos de atraso em média), do que olharam nas redes sociais ao acordar, do que fariam após a oficina etc. Feito isso, era nítido que todos estavam mais relaxados, diferente de como chegaram: agitados, ofegantes, se justificando e se desculpendo pelo atraso, curiosos e ansiosos.

Depois realizamos um exercício de apresentação onde, sentados em roda no chão, eu dei início segurando um novelo, e com ele em mãos, me apresentei. Em seguida segurei a ponta do fio e joguei o novelo para outro, que se apresentou, e seguimos assim até todos se apresentarem, formando um tipo de mandala ao final:

FIGURA II – Mandala realizada no momento de apresentação dos participantes.



Fonte: Fotografado pelo autor, 2023.

Feito isso, trabalhamos algumas ideias que aprendi na Oficina de Improvisação II, e que considero imprescindíveis para meu trabalho como professor de teatro: entender que a criatividade irá fluir em espaços onde haja uma atmosfera de

segurança e confiança; aceitar e confiar na proposta dos colegas, criando com elas; não censurar, nem buscar ideias originais, mas confiar na primeira ideia - por isso a importância de estabelecer um espaço de segurança.

Foi nesse momento que chegou mais uma participante, mas infelizmente já estávamos com a oficina em andamento e ela não pode participar de todos esses momentos iniciais de meditação e apresentação. Ainda que tenha sido bem recebida e apresentada a todos, foi possível notar que ela estava desconectada dos demais, e que em diversos momentos ela se mostrava um pouco desconfiada a cada nova proposta de jogo, olhando como seus colegas estavam fazendo para só depois fazer, mas ela foi se soltando aos poucos e um tempo depois, passou a dizer sim para nossas propostas com prontidão e generosidade.

Depois, realizamos outra prática de atenção plena, mas dessa vez voltada para o sentido da audição: pedimos para que, de olhos fechados, os participantes percorressem todos os sons possíveis que se manifestavam naquele momento. Pássaros, carros, sirenes, buzinas, vozes, passantes, todo som deveria ser mapeado mentalmente e a maior quantidade de sons possíveis. Depois eles deveriam desenhar esses sons, de maneira abstrata. Com o desenho em mãos, cada participante deveria se apresentar novamente, mas através do desenho, e tivemos relatos emocionantes e surpreendentes já nesse exercício.

FIGURA III – Desenhando sons



Fonte: Fotografado pelo autor, 2023.

Em seguida, distribuímos diversos objetos pelo espaço: colchas, tecidos diversos, bandeiras, objetos de cozinha etc. Pedimos para que eles andassem pelo espaço, observando cada objeto, e em determinado momento pedimos para que selecionassem um objeto com o qual se identificavam mais, e que pensassem em uma história para compartilhar a partir desse objeto escolhido.

No canto do salão havia um banco no estilo daqueles bancos de praça, com tábuas de madeira e acabamento em metal. Colocamos ele ao centro, pedindo que se sentassem de frente para os demais, em um estilo de relação palco plateia, e demos o seguinte comando: “Cada participante deve vir ao banco contar sua história. Contudo, ao invés de esperar o colega terminar a história para então dirigir-se ao banco, cada um deve se sentar ao lado dele, participando da escuta da narração e, quando terminar, iniciar então a sua história.”

O espaço ganhou vida com as narrativas e os objetos transformaram-se em outros. O tecido vermelho uma coberta, a colcha virou vestido – aliás, foi a participante que chegou atrasada quem contou essa história, sobre como um vestido já fez com que ela lidasse com questões de gênero já aos sete anos de idade, e ela estava compartilhando conosco essa história através de um jogo, onde uma colcha fez com que ela conectasse à essa história –, uma bandeira LGBTQIAPN+ se transformou em uma capa de proteção, uma tampa de uma lixeira em uma panela de feijão. A teatralidade estava ali em sua maior potência.

Pensei muito sobre como Jhonstone fala da criança interior. Para ela, o lúdico é o *modus operandi* da vida, e todos nós, obrigatoriamente, já fomos criança. Todos estavam em modo de criação, se permitindo a tal, elaborando à sua própria maneira suas narrações. Algumas com histórias simples, do cotidiano, outras com histórias emocionantes, nos levando às lágrimas, outras nos fizeram rir, outras nos trouxeram inspiração. Foi interessante ver um grupo heterogêneo, de pessoas que não se conhecem, em tamanha sintonia, durante esse momento da contação de histórias, que aconteceu aproximadamente uma hora após o início da oficina.

FIGURA V – As contações de histórias. Podemos perceber a troca do a) para o b), finalizando com a imagem c). Cada participante narrou uma história sobre sua vida a partir dos objetos encontrados no espaço, os reinventando

para as narrações.



Fonte: Fotografadas pelo autor, 2023.

Um fator interessante sobre a teoria de Jhonstone pode ser notado durante esse exercício. Na imagem b) da figura V podemos ver que a moça estende o chapéu à pessoa ao seu lado. Durante a cena, ela contou uma história sobre como foi conhecer uma pessoa com o mesmo nome dela, e ao questionarmos o porquê de o chapéu ter ativado essa memória específica, a justificativa foi cênica. Ela retirou o chapéu de sua cabeça e disse “Eu sou Ericka”, e colocou o chapéu na cabeça da colega de cena dizendo “Você também é Ericka”. O fato do mesmo adereço servir em ambas, ativou nela essa memória, e junto com a memória, diversas outras sobre o mesmo episódio.

Somos um sem fim de histórias, umas emocionantes, outras engraçadas, outras entediantes, mas são nossa trajetória pelo mundo, e quando tomamos conta disso podemos perceber a dimensão da nossa vida.

Outro momento bacana das contações de histórias era na troca de atores em cena. Para saber qual o momento ideal para aproximar-se e sentar-se no banco enquanto o colega narrava sua história, os participantes precisavam ouvir atentamente o que estava sendo narrado. As interações foram tão naturais que parecíamos estar em um grupo de pessoas que já vivenciavam aquela experiência há muito tempo. Ficamos imaginando um grande espetáculo com que os participantes trouxeram ao narrar suas histórias a partir dos objetos escolhidos.

Nesse momento da oficina era como se fôssemos um grupo de amigos, já com uma certa intimidade e até mesmo experiência teatral. A espontaneidade dos não atores viabilizou um momento emocionante, mas também divertido, onde relembramos histórias vividas, e também tivemos a oportunidade de nos identificar com as questões do outro, que é nosso vizinho e está tão próximo, mas que pouco conhecemos e que muitas vezes ignoramos em nosso cotidiano.

Como citado, era necessário também ouvir atentamente a história que estava sendo narrada, para saber qual o momento adequado para sentar-se ao lado do contador de histórias enquanto este a narrava. Havia uma troca teatral entre o contador e quem se aproximava. Às vezes um abraço, em histórias tristes. Reações genuínas às palavras e ações da pessoa que estava contando a história. Nesse ponto, não eram apenas os objetos que haviam sido transformados, mas todos nós.

Realizamos um intervalo de quinze minutos, e retornamos às 10h45. Nesse momento chegou mais um participante, e mais uma vez pude ver como a não participação nos momentos anteriores influencia os demais participantes. Os alunos não estavam acostumados com aquele novo participante, e ele não sabia o que havia sido feito até então, mas aos poucos ele foi acolhido por todos e ainda que um pouco hesitante no começo, participou proativamente dos jogos finais.

Depois de conhecer cada participante, e de todas as dinâmicas que haviam acontecido, foi interessante observar a intimidade e respeito entre os presentes que se criou naquele espaço. Começamos, após o intervalo, com condução da Renata, o jogo do “Eu já!”, onde cada participante deveria dizer algo que já fez na vida, e o grupo que já realizou algo parecido se aproximava dessa pessoa, enquanto quem não fez continua caminhando pelo espaço. Nesse jogo, surgiram tanto depoimentos fortes quanto brincadeiras, mas todas as propostas eram levadas a sério e com espírito de

grupo: “estamos juntos”, os participantes admitiam fraquezas (“eu já deixei a louça suja na pia”, ou “eu já magoei um amigo querido”) mas também questões de auto estima (“eu já realizei um sonho”, “eu já amei muito uma pessoa”) e era bonito ver a empatia e a sensação de pertencimento quando os alunos se aproximavam ao identificar-se com o “eu já” do colega.

Em seguida, Renata conduziu outra prática onde ela dizia uma hora do dia (como 07hrs, 18hrs, 23h30, por exemplo) e o participante deveria fazer uma imagem estática do que ele estaria fazendo, em seu cotidiano, naquele horário. Em seguida, ele deveria colocar essa imagem em movimento. Por último, colocar som nessa imagem em movimento. Ela repetiu o mesmo exercício, mas utilizando datas comemorativas e outras datas específicas ao invés de horários.

Esse é um exercício inspirado diretamente no jogo “A Imagem da hora”, que compõe a obra “Arco Íris do Desejo”, do autor Augusto Boal⁶.

Por fim, finalizamos o encontro escrevendo uma carta para o nosso “eu do futuro”, tendo como recorte de tempo o nosso momento de saída da moradia.

Quando um aluno residente da MOP se forma, ele tem 30 dias para desocupar o quarto e ceder o seu lugar a um próximo aluno. Era para esse momento que cada um deveria escrever a carta, para a hora de despedir da moradia, da UFMG, enfim, dessa etapa tão intensa na vida dos estudantes. Alguns moradores já iriam formar naquele semestre, outros haviam acabado de entrar na moradia, e a maioria ainda não sabia ao certo quando esse momento iria acontecer, mas a única orientação era: “escreva para o seu eu do futuro, para quando esse momento de formar chegar, seja quando for”.

Para esse exercício, realizamos novamente a mandala, para então nos conectarmos uns aos outros antes de nos despedirmos, dessa vez com todos os participantes da oficina, incluindo os que chegaram atrasados.

⁶ Augusto Pinto Boal (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1931 - 2009) foi um diretor, autor e teórico brasileiro, referência mundial para o estudo do teatro, criador do Teatro do Oprimido, onde a improvisação desenvolve um papel transformador da sociedade.

FIGURA VI – Mandala e escrita da carta.



Fonte: Fotografado pelo autor, 2023.

Ao final do encontro, era perceptível em todos os participantes – alunos e condutores – um sorriso no rosto de cada um. Eles pediram por mais encontros da oficina, ficaram querendo mais. A quantidade de histórias que emergiram deixou nós, os proponentes da oficina, maravilhados.

No início da oficina, pedimos aos presentes que nos dissessem uma palavra que condensasse suas expectativas e sentimentos para a oficina. Repetimos

a mesma solicitação ao final do encontro, a fim de comparar as respostas antes e após a oficina, e o resultado foi esse:

Tabela I – Palavras coletadas dos participantes quando questionados “ como vocês se sentem, em relação à Oficina, em uma palavra” antes e após a oficina acontecer.

ANTES	DEPOIS
Calmo	Relaxado
Sonolento	Pensativo
Ansiedade	Transformação
Animado	Realizado
Curioso	Reflexivo
Com expectativas	Gratidão
Correria	Animada
“Meu Deus, tô atrasado!”	Bem-estar
Moderado	Contente
Esperançosa	Animada

Nós, que estávamos tão inseguros em estar no lugar de condutor, afinal não sabíamos ao certo se as propostas casariam ou se seriam bem recebidas. Havia também o medo de tocar em tópicos sensíveis, ou até mesmo gatilhos ao reviver memórias do passado, mas o resultado saiu muito melhor do que imaginávamos.

Foi nesse momento que vi meu lugar como professor de teatro se afirmar em um prazer enorme por estar naquele espaço, proporcionando junto dos meus colegas aquela oficina, podendo ser um pouco dos professores que tive, realizando na Moradia, meu lar, e para os alunos da Moradia, meus vizinhos, um momento de descontração e quebra de rotina, não só para lembrar o passado, mas também para imaginar o futuro, criando e nos apropriando da nossa própria história.

A moradia por vezes é um espaço de difícil convívio: oito pessoas estranhas entre si convivendo, muitas vezes em vulnerabilidade financeira e emocional, onde as vezes algumas histórias acabam de maneira trágica. Por isso acredito na potência de

um trabalho que possa não apenas promover uma experiência teatral, mas que possa trazer uma maior sensação de bem-estar e coletividade, na medida em que se aprende e realizam atividades e jogos teatrais, que nesse caso resultaram em cenas emocionantes e artisticamente ricas.

CAPÍTULO 3: CORPO-MORADA: IMPROVISANDO NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Embora esse trabalho fale sobre improvisação, a oficina “Corpo-Morada” curiosamente não foi pensada como uma oficina de improviso, mas como uma oficina que possibilitasse aos residentes da Moradia Universitária Ouro Preto uma oportunidade de aprender um pouco sobre teatro contando suas próprias histórias. Essa vontade surgiu a partir do teatro de reminiscências, que engloba um conjunto de práticas teatrais onde as histórias de vida são transportadas para a cena. O trabalho apoia-se no “jogo da recordação: lugar de conciliação da dimensão dupla da memória, marcada de um lado pela busca ativa de acontecimentos singulares localizados no passado” (SOARES, 2016).

Como falo no início dessa monografia, acredito que sempre imprimimos nossa poética em tudo que fazemos, ainda que sutilmente. Ao utilizarmos nossas próprias memórias como material criativo, temos a oportunidade de reelaborarmos essas memórias e trazê-las à nossa consciência, como uma maneira de apropriar-se de suas próprias vivências. Por ter sido uma oficina realizada majoritariamente com não atores, Corpo-Morada foi uma oportunidade para uma quebra de rotina, um convite para ouvir-se com mais atenção, conhecer novas pessoas e aprender teatro através do jogo. Embora a inspiração para os jogos tenha vindo de diversos autores como Boal, Dudeck, Spolin e Muniz, podemos analisar a oficina a partir das treze máximas de Patricia Madson sobre como tornar-se um improvisador.

Logo no início da oficina, realizamos uma prática meditativa, a fim de criar uma atmosfera de sintonia entre todos. Como haviam participantes atrasados, ao chegar eles se demonstravam ansiosos, agitados, tímidos. Se uma das bases da Impro é a atenção, a primeira coisa a ser feita era trazer a atenção dos participantes para o momento presente. Sendo assim, ao percorrermos nosso corpo mentalmente, através

do tato, a atenção era redirecionada para a pele, e não para qualquer outra coisa. “(...) respire fundo, atente-se apenas a esse momento. Faça dele o seu mundo.” (MADSON, 2005, p. 36) na *segunda máxima*, Patricia nos incentiva a substituir preparação por atenção, e foi para alcançar esse estado de atenção que trouxe esse exercício do tato.

O exercício da apresentação com a mandala (FIG. II) pode ser pensado como uma junção da segunda máxima com a sexta, onde ela aprofunda as reflexões sobre atenção. Ao invés de apenas nos apresentarmos em roda, o que facilmente nos distrairia, precisávamos manter uma atenção para a dinâmica, pois não sabíamos qual participante receberia o novelo, o que nos manteve em estado de atenção e conexão.

Nesse momento, aproveitei para conversar com os participantes sobre a importância de fazer daquele espaço um ambiente de respeito. Como vimos através de Jhonstone, e na tese de Mariana Muniz (2015), a segurança em sala é imprescindível para que o aluno se permita dar vez, e voz, à primeira ideia. Um ambiente hostil, que não inspire segurança, dificilmente será um ambiente onde ideias criativas circularão livremente, pois sempre haverá uma preocupação com o que deve ser feito de certo, de bom.

Foi justamente após esse momento que chegou uma participante, e mesmo com o atraso, foi muito bem-vinda. No entanto, foi possível notar que ela somente se sentiu segura para compartilhar suas histórias, na medida em que percebeu que os demais participantes o faziam. Enquanto todos os que participaram desse primeiro momento de apresentação e conversa, demonstraram uma maior disponibilidade para dar espaço à espontaneidade nos jogos propostos, tema trabalhado na *terceira máxima*, onde Patricia cita a importância de estarmos presentes pontualmente para o bom trabalho coletivo.

Em um determinado exercício, onde eles deveriam se concentrar em ouvir todos os sons que pudessem (aves, vozes, carros, buzinas) e depois, ao solicitarmos que desenhassem os sons, eles disseram sim, e representaram os sons de maneira abstrata, que demonstrava não só a atenção deles, mas a prontidão em tentar, em fazer, mesmo não tendo uma maneira certa ou melhor de fazer. A figura III dessa monografia mostra um desenho que não possui nenhuma forma definida, mas que é cheio de significados. Quem o desenhou, buscou retratar todos os sons que estava captando, como eram sons ruidosos, tentou reproduzir isso no papel, e seguindo esse

raciocínio, finalizou explicando que o desenho também representava como estava a cabeça dele durante o exercício: repleta de sons, vozes, pensamentos etc. Não só a atenção plena estava sendo trabalhada, como também a aceitação da primeira ideia, deixando de lado o medo do erro e a vontade de fazer certo, para apenas tentar.

O coração da oficina, que foram as histórias autobiográficas, foram viabilizados pela Impro de maneira muito leve e prazerosa. Os participantes disseram sim para o convite, não foram preparados, mas foram, apareceram. Toparam nossas propostas, não se preocuparam com originalidade e com ideias legais, tópico bastante enfatizado no início da oficina, e prestaram muita atenção no que os rodeava.

Eles cuidaram uns dos outros enquanto as histórias eram contadas, muitas com enorme carga emotiva e pessoal, e essas histórias foram elaboradas a partir de objetos aleatórios que espalhamos pelo espaço.

Uma participante abriu seu mundo particular ao contar a repressão que sofreu em sua família ao ser flagrada utilizando roupas consideradas de mulher. Foi censurada como se tivesse cometido um crime, e essa repressão seguiu com ela durante toda a vida, ela relata que nas aulas de teatro pode elaborar melhor suas questões relacionadas a seu próprio gênero. Ao olhar uma colcha no espaço, transformou ela em um vestido, e com ele nos contou sua história, que era uma história sensível e que a colocou em vulnerabilidade. Mas o espaço era seguro de tal maneira, que nenhuma história foi censurada ou feita de chacota, muito pelo contrário, ouvíamos atento e com o coração.

Quando realizamos o jogo inspirado nas propostas de Augusto Boal, tivemos a oportunidade de trazer reflexões sobre como vivemos nosso cotidiano. Ao refletir sobre como foi nosso café da manhã, como temos ido dormir, como foi o Natal etc., podemos avaliar nossa rotina, nossas escolhas, tomar consciência maior sobre as nossas ações, que facilmente cai em uma rotina robotizada.

Todos participaram dessa, e de todas as atividades propostas, com disposição e entusiasmo, e ao final da oficina, demonstravam grande satisfação pela experiência. Essa satisfação promove uma vontade do participante em retornar, em improvisar mais, obtendo assim aprendizado e aprimoramento de técnicas teatrais, mas também obtendo todos os benefícios que a Impro pode promover enquanto filosofia de vida, como propõe Patricia R. Madson.

Considerando CORPO-MORADA como uma oficina de teatro para atores e não atores, acredito que a improvisação se mostra potente, atual e eficaz como metodologia de ensino, treinamento e realização de cenas teatrais que possibilita mesmo a pessoas que não se reconhecem como artistas profissionais, irem à cena sem medo de errar, apenas focados em realizar as atividades por acreditarem nas propostas, e se envolvendo gradativamente à medida em que se diverte jogo após jogo. Então, o Sistema Impro se mostrou uma metodologia bastante eficaz para esse propósito e no contexto dessa oficina.

Durante a graduação, tive a oportunidade de realizar um estágio como professor de Arte na Escola Estadual Pedro II, situada na região central de Belo Horizonte. Nessa experiência, que embora fosse em uma instituição formal de ensino, tinha em comum com a oficina Corpo-Morada o fato de não ter apenas atores nos encontros. Utilizei a Impro para contarmos histórias, para criarmos conexão, e embora com algumas dificuldades tivemos cenas divertidas, alunos que ficavam recolhidos em suas carteiras, quase tentando se fazerem invisíveis, uma vez em que confiavam nas propostas se demonstravam improvisadores incríveis.

A Impro pode ser uma grande maneira de manter viva uma veia de espontaneidade em uma sociedade que, cada vez mais, preocupa-se com filtros, edições e algoritmos, escondendo o rosto, os defeitos, as ideias bobas, e buscando transmitir uma imagem artificial perfeita, acabam bloqueando sua criatividade.

Espero com esse trabalho, condensar um pouco do Sistema Impro através das treze máximas de Patricia Madson, a fim de difundir esse conhecimento com todas as pessoas que têm vontade de arriscar algo novo, em cena ou na vida. Não há idade certa para começar. Angela Alvarez, uma cantora cubana, ganhou um Grammy Latino de artista revelação aos 95 anos. Nunca é tarde para começar, e para começar, você só precisa dizer sim.

CONCLUSÃO

A improvisação como metodologia de ensino de teatro para não atores se mostrou bastante eficaz nas experiências como professor, tanto no ensino formal, que ocorreu na Escola Estadual Pedro II, quanto na oficina de teatro “Corpo-Morada”, objeto principal de análise dessa monografia.

O primeiro obstáculo sempre é conseguir o **sim**. Primeiro, o sim do professor Ricardo, para a proposta de uma oficina voltada para não atores, com o propósito de criação de narrativas autobiográficas, depois o sim de Renata e Manoel, para criarmos juntos essa experiência, em seguida, o sim da administração da moradia ao permitir que trouxéssemos uma oficina para os residentes, mas principalmente o sim dos participantes e momento, propusemos atividades criativas.

Havendo esse aceite por parte dos envolvidos, podemos criar uma experiência de teatro divertida e artisticamente rica. Para atingirmos os objetivos que Keith Jhonstone aponta, antes precisamos criar uma atmosfera de segurança e acolhimento. Embora nosso tempo fosse curto, nos comprometemos com essa etapa crucial, e somente após esse momento, propusemos atividades criativas.

Uma vez introduzidos aos conceitos básicos da Impro, demos início às demais atividades, iniciando com desenho dos sons do ambiente, como um complemento à prática meditativa anterior.

Pouco a pouco os participantes começaram a se entusiasmar, até chegarmos no ápice do encontro, que foram as contações de histórias autobiográficas, que era o tema central da oficina. A Impro foi o motor que viabilizou essa atmosfera que possibilitou aos presentes darem voz às suas primeiras ideias, que eram suas próprias histórias de vida.

Com as palavras de antes e depois, foi possível mensurar a transformação pela qual todos os participantes passaram, todas com saldos positivos. Quem antes havia chegado com ansiedade, passou para um estado mais reflexivo. Quem chegou aflito com o atraso, ao fim, mencionou uma sensação de bem-estar após a oficina, o que reafirma a importância de estabelecermos esses momentos de quebra de rotina, para dar espaço ao nosso lado lúdico, elaborarmos nossos sentimentos através de jogos, das artes e da diversão.

Portanto, concluo nesse trabalho que arte não é algo que uma pessoa é, mas algo que uma pessoa faz. Ou seja, não é uma dádiva exclusiva de artistas, mas uma ação que pode ser executada por todas as pessoas que se propuserem a tal, sem entrar em mérito de avaliar se a arte é boa ou ruim, mas focando nos benefícios que essas atividades implicam.

No decorrer da leitura do livro *Improv Wisdom*, refleti muito sobre a oficina enquanto escrevia, mas sentia falta de uma contínua aplicação prática da Impro, para criar sentido para aquela leitura e para todas aquelas reflexões. Na impossibilidade de realizar uma nova edição da oficina *Corpo-Morada*, busquei imergir no que a leitura estava me trazendo e aplica-la na minha vida cotidiana.

Pude perceber uma boa recepção por parte dos meus colegas de trabalho, na medida em que simplesmente passei a dizer mais “sim, e”. Há um trabalho que precise ser feito? Não espere alguém vir para fazê-lo, faça você mesmo. Um amigo me falou uma vez “eu faço o meu, e o que puder deixar para o próximo turno, eu deixo”, não em tom de desleixo, mas em tom de desabafo e cansaço. Na medida em que me preocupei em cuidar dele, enquanto meu colega de trabalho, ao invés de cuidar apenas de mim e fazer o meu trabalho bem feito, ele retribuiu não só não deixando nada para o próximo turno, como colaborando com o meu próprio trabalho. Hoje, considero o meu trabalho bem feito, se quem estiver comigo estiver se saindo bem também.

As pessoas, de um modo geral, querem que sejamos bem-sucedidos, querem que nos saiamos bem e torcem pelo nosso sucesso. O que acontece, é que no decorrer dos dias, a rotina é tão maçante que acabamos nos distraindo dos nossos objetivos, focando demasiadamente nos sintomas que nos desviam, ao invés das resolver a causa das questões. Por que insistimos em continuar andando com a pedrinha no sapato, pela inconveniência de parar, retirar o tênis, remover a pedra e calçar o tênis novamente, se tal ação nos levaria poucos minutos?

São nessas pequenas situações cotidianas que Patricia Mason nos convida a sermos improvisadores, a agir no momento, fazendo o que precisa ser feito. Quem sabe assim, consigamos nos apropriar mais das nossas próprias pulsões, ações e histórias. Quem sabe assim criaremos mais arte. Quem sabe assim criaremos mais vida.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia / Augusto Boal.** - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, Augusto. **O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CAMERON, Julia. **O caminho do artista / Julia Cameron;** tradução de Leila Couceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

FRANÇA, Júnia Lessa. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas / Júnia Lessa França, Ana Cristina de Vasconcellos;** colaboração: Maria Helena de Andrade Magalhães, Stella Maris Borges. - 8. ed. rev. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

JHONSTONE, Keith. **Impro: improvisación y el teatro.** Santiago de Chile: Cuatro Vientos, 1990.

MADSON, Patricia Ryan. **Improv wisdom: don't prepare, just show up / Patricia Ryan Madson,** 2005.

MUNIZ, Mariana de Lima. **Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

SOARES, Carmela Corrêa. **Teatro de Reminiscência: a prática artística e pedagógica do Teatro Renascer.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. UNIRIO; 2016.